

# Existe um Deus?

Bertrand Russell

A questão da existência de Deus é de tal natureza que pode ser decidida a partir de bases muito diferentes por diferentes comunidades e diferentes indivíduos. A imensa maioria da humanidade aceita a opinião prevalecente em sua própria comunidade. Nos tempos mais remotos dos quais temos evidências históricas definidas, todos acreditavam em muitos deuses. Os judeus foram os primeiros a acreditar em apenas um. O primeiro mandamento, quando ainda novo, era muito difícil de obedecer porque os judeus acreditavam que Baal, Ashtaroth, Dagon, Moloch e o resto eram deuses reais, mas deuses maus porque ajudaram os inimigos dos judeus. Passar da crença de que tais deuses eram maus para a crença de que não existiam absolutamente foi um passo difícil. Houve um tempo, a saber, o de Antíoco IV, em que foi feito um vigoroso esforço para helenizar os judeus. Antíoco decretou que deveriam comer carne de porco, abandonar a circuncisão e tomar banhos. A maior parte dos judeus em Jerusalém submeteu-se, mas em locais campestres a resistência era mais ferrenha e, sob a liderança dos macabeus, os judeus finalmente estabeleceram o direito às suas peculiares doutrinas e costumes. O monoteísmo — que no começo da perseguição de Antíoco havia sido a crença de apenas uma parte de uma nação muito pequena — foi adotado pelo cristianismo e, posteriormente, pelo islã, de modo que se tornou dominante em todo o mundo localizado a oeste da Índia. Da Índia para o leste, não teve sucesso: o hinduísmo tinha muitos deuses; o budismo, em sua forma primitiva, não tinha nenhum; o confucionismo não tinha nenhum do século XI em diante. Todavia, se a veracidade de uma religião há de ser julgada pelo seu sucesso no mundo, então o argumento em favor do monoteísmo é muito poderoso, visto que este possuiu os maiores exércitos, as maiores marinhas e a mais grandiosa acumulação de riquezas. Em nossos dias, tal argumento está perdendo sua força. É verdade que a ameaça não-cristã do Japão foi derrotada. Mas o cristão agora está em face à ameaça de hordas de moscovitas ateus, e não está muito claro — como alguns poderiam desejar — se bombas atômicas serão um argumento decisivo em favor do teísmo.

Entretanto, abandonemos este modo político e geográfico de analisar as religiões, que tem sido progressivamente rejeitado pelos indivíduos pensantes desde o tempo dos gregos antigos. Naquele tempo já havia homens que não estavam satisfeitos em aceitar passivamente as opiniões religiosas de seus próximos, mas se esforçavam em considerações sobre o que a razão e a filosofia poderiam ter a dizer sobre o assunto. Nas cidades comerciais da Jônia, onde a filosofia foi inventada, havia livres-pensadores no século VI a.C. Eles tinham uma tarefa fácil em comparação aos modernos livres-pensadores, pois os deuses do Olimpo, apesar de inspiradores à imaginação poética, dificilmente eram o tipo de coisa que poderia ser defendida através do uso metafísico da razão pura. Eles eram conhecidos popularmente pelo orfismo (ao qual o cristianismo deve muito) e, filosoficamente, por Platão, do qual os gregos derivaram um monoteísmo filosófico muito diferente do monoteísmo político e nacionalista dos judeus. Quando o mundo grego foi convertido do cristianismo, ele combinou a nova crença com a metafísica platônica, e assim nasceu a teologia. Teólogos católicos, do tempo de Santo Agostinho até os dias de hoje, têm acreditado que a existência de um Deus único pode ser provada pela razão pura. Seus argumentos foram postos em sua forma final por Tomás de Aquino no século XIII. Quando a

filosofia moderna começou no século XVII, Descartes e Leibniz retomaram os velhos argumentos de uma forma polida e, grandemente devido aos seus esforços, a devoção permaneceu intelectualmente respeitável. Mas Locke, apesar de ser, ele próprio, um cristão completamente convicto, minou as bases teóricas dos velhos argumentos, e assim muitos de seus adeptos, especialmente na França, tornaram-se ateus. Não tentarei adentrar toda a sutileza de tais argumentos filosóficos em favor da existência de Deus. Há, penso, apenas um deles que ainda possui peso aos filósofos, que é o argumento da Causa Primeira. Este argumento sustenta que, dado o fato de que tudo que acontece tem uma causa, então deve existir uma Causa Primeira a partir da qual toda a série iniciou-se. Este argumento sofre, todavia, do mesmo defeito do argumento do elefante e da tartaruga. Diz-se — não sei com quanta veracidade — que um certo pensador hindu acreditava que a Terra era sustentada por um elefante. Quando lhe perguntaram em que o elefante se sustentava, respondeu que era sobre uma tartaruga. Quando lhe perguntaram em que a tartaruga se sustentava, disse: “Estou cansado disso; mudemos de assunto”. Isso ilustra o caráter insatisfatório do argumento da Causa Primeira. Não obstante, poderemos encontrá-lo em alguns tratados ultramodernos de Física que defendem que os processos físicos, traçados regressivamente no tempo, demonstram que as coisas tiveram um início súbito, e inferem que isso se deve à criação divina. Eles abstêm-se cuidadosamente das tentativas de demonstrar que essa hipótese torna o assunto mais inteligível.

Os argumentos escolásticos para a existência de um ente supremo são agora rejeitados pela maioria dos teólogos protestantes em favor de novos argumentos que, a meu ver, não representam qualquer melhora. Os argumentos escolásticos foram genuínos esforços do pensamento e, se seus raciocínios tivessem sido sólidos, teriam demonstrado a veracidade de sua conclusão. Os novos argumentos, que os modernistas preferem, são vagos, e estes rejeitam com desprezo qualquer esforço para torná-los precisos. Há um apelo ao coração, como oposto ao intelecto. Não afirmam que aqueles que rejeitam os novos argumentos são ilógicos, mas que são destituídos de sensibilidade profunda ou senso moral. Contudo, examinemos os argumentos modernos e vejamos se estes realmente provam alguma coisa.

Um dos argumentos favoritos é o da evolução. Outrora o mundo era estéril e, quando a vida começou, era de um tipo pobre, consistindo de “gosmas verdes” e outras coisas pouco interessantes. Gradualmente, ao longo do curso da evolução, desenvolveram-se os animais e as plantas e, finalmente, o homem. O homem, asseguram-nos os teólogos, é um ser tão esplêndido que pode ser considerado a culminação desta evolução — da qual as longas eras de nebulosidade e gosmas verdes foram um prelúdio. Penso que os teólogos devem ter sido afortunados em seus contatos humanos. Não parecem, a meu ver, dar o devido peso a outros fatores, como Hitler. Se a Onipotência, com todo o tempo à sua disposição, julgou válido o esforço de guiar os homens através de milhões de anos de evolução, apenas posso dizer que os gostos moral e estético envolvidos são peculiares. Todavia, os teólogos, sem dúvida, esperam que o curso futuro da evolução produzirá mais homens como si próprios e menos homens como Hitler. Tomara que assim seja. Mas, ao acalentar esta esperança, estamos abandonando o solo da experiência e nos refugiando em um otimismo que a História, até aqui, não respalda.

Há outras objeções ao otimismo evolucionário. Temos todas as razões para pensar que a vida em nosso planeta não continuará eternamente, de modo que qualquer otimismo baseado no curso da história terrestre deve ser temporário, limitado a esse período de tempo. Evidentemente, é possível que exista vida em outros locais, mas, se existe, não sabemos nada a seu respeito e não temos motivos para supor que possui mais semelhança aos virtuosos teólogos do que a Hitler. A Terra é um pequeníssimo ponto no Universo. É um pequeno fragmento do

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

